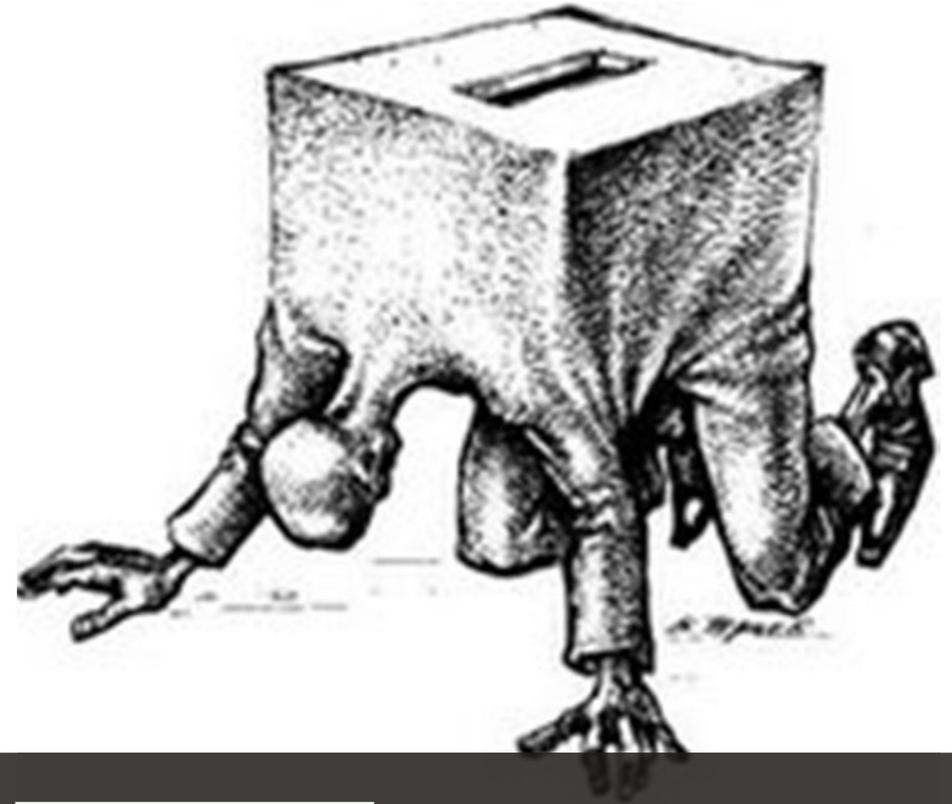


# ANARQUISTAS "ELECIONISTAS"

OS ANARQUISTAS COMETERAM CERTAMENTE MIL ERROS, DISSERAM CENTENAS DE COISAS ABSURDAS, MAS SEMPRE SE MANTIVERAM PUROS E SEGUEM SENDO O GRUPO REVOLUCIONÁRIO POR EXCELÊNCIA, O PARTIDO DO FUTURO, PORQUE SABERÃO RESISTIR À SEREIA ELEITORAL.

SERIA VERDADEIRAMENTE IMPERDOÁVEL DEIXAR-SE ARRASTAR PELO TURBILHÃO QUANDO SE APROXIMA RAPIDAMENTE NOSSA HORA.

ERRICO MALATESTA





# Anarquistas “Eleccionistas”

Errico Malatesta

. b i b l i o t e c a .



**TERRA LIVRE**

---

. b i b l i o t e c a .

**TERRA LIVRE**

---

<http://bibliotecaterralivre.noblogs.org/>  
[bibliotecaterralivre@gmail.com](mailto:bibliotecaterralivre@gmail.com)

São Paulo  
2012

## **Anarquistas “Elecionistas”<sup>1</sup>**

Dado que não há e nem pode haver uma lei nem autoridade que dê ou tire o direito de chamar-se anarquista, nos vemos verdadeiramente forçados, de vez em quando, a apontar a aparição de algum convertido ao parlamentarismo que continua, ao menos durante certo tempo, declarando-se anarquista.

Não encontramos nada de mal nem de desonroso em mudar de opinião, quando a mudança é motivada por novas e sinceras convicções e não por interesse pessoal desejáramos, entretanto, que se diga francamente em que se tenha convertido e o que tenha deixado de ser, para evitar discussões inúteis. Mas talvez isso não seja possível, pois aquele que muda de ideias não sabe em geral, à princípio, onde vai terminar aterrizando. Além disso, o que passe entre nós, acontece, em uma proporção bem maior, em todos os movimentos políticos e sociais. Os socialistas, por exemplo, tiveram que sofrer com os exploradores do socialismo e políticos de toda laia que se chamavam socialistas; e os republicanos se vêm hoje igualmente obrigados a suportar que alguns, vendidos ao partido dominante, usurpam inclusive o nome de “mazzinianos”.

Afortunadamente, o equívoco não pode durar muito. Logo, a lógica das ideias e a necessidade de ação forçam aos pretendidos anarquistas a renunciar espontaneamente a seu nome e a ocupar o lugar que a eles corresponde. Os anarquistas “elecionistas”, que em diversas ocasiões se mostraram, todos eles, de forma mais ou menos rápida, abandonaram o

---

<sup>1</sup>Em *Pensiero e Volontà*, nº 10, 15 de maio de 1924. Reproduzido em francês em *Volonté Anarchiste*, nº 3.

anarquismo, como os anarquistas ditatoriais ou bolchevizantes se converteram rapidamente em bolcheviques de fato que se puseram à serviço do governo russo e de seus delegados.

O fenômeno se produziu na França por motivo das eleições dos últimos dias. O pretexto é a anistia. “Há milhares de vítimas nas prisões; um governo de esquerda os anistiará; é dever de todos revolucionários, de todos homens de coração fazer o que podem para que das urnas saiam os nomes dos homens políticos dos quais se espera que dêem a anistia”.

Eis aí a tendência dominante no raciocínio dos convertidos.

Os companheiros franceses devem estar alertas.

Na Itália se produziu uma agitação à favor de Cipriani, preso, que reviu de pretexto a Andrea Costa para arrastar os anarquistas romanos às urnas, e começar, assim, a fazer degenerar o movimento revolucionário criado pela Primeira Internacional e acabar por reduzir o socialismo a um meio de entreter as massas e de assegurar a tranquilidade da monarquia e da burguesia.

Mas, na verdade, os franceses não têm nenhuma necessidade de ir buscar exemplos na Itália, porque os têm muito eloquentes em sua própria história. Na França, como em todos os países latinos, o socialismo começou, se não como anarquismo, pelo menos como antiparlamentário; e a literatura revolucionária francesa da primeira década depois da Comuna abunda de eloquentes páginas, graças, entre outras, à pluma de Guesde e de Brousse, contra a mentira do sufrágio universal e a comédia eleitoral e parlamentária.

Assim pois, o mesmo que Costa na Itália, os Guesde, os Massard, os Deville, e mais tarde Brousse em pessoa, foram tomados pela fome de poder e talvez também pelo desejo de conciliar a fama de revolucionário com a vida

tranquila e as pequenas e grandes vantagens que se granjeia aquele que entra na vida política oficial, mesmo que seja a título de oposição. Aí então toda a manobra começou por mudar a direção do movimento e fazer que os companheiros aceitassem a tática eleitoral. A nota sentimental jogou também importante papel nesse momento: pedia-se a anistia para os homens da Comuna, era necessário liberar o velho Blanquí que morria na prisão... e com cem pretextos e cem recursos para vender a repugnância que eles mesmos, os desertores, haviam contribuído a fazer nascer nos trabalhadores contra o “eleccionismo” e que, ademais, estava alimentada pela lembrança ainda viva do plebiscito napoleônico e das matanças perpetradas em junho de 1848 e em maio de 1871 por vontade dos deputados saídos do sufrágio universal. Diziam que era necessário votar para contar, mas que se votaria nos inelegíveis, nos condenados, nas mulheres ou nos mortos; outros propuseram votar em branco ou com um slogan revolucionário; outros queriam que os candidatos pusessem nas mãos de comitês eleitorais cartas de demissão para o caso de saírem eleitos... E depois, quando o fruto já estava maduro, quer dizer, quando as pessoas se deixaram persuadir a ir votar, quiseram ser candidatos e deputados seriamente: deixou-se os condenados apodrecerem na prisão, renegaram o antiparlamentarismo e lançaram pestes sobre o anarquismo; e Guesde, depois de cem retrações públicas, acabou como ministro do governo da “União Sagrada”, Deville chegou a ser embaixador da república burguesa e Massard, creio, algo ainda pior.

Não queremos pôr em dúvida, de antemão, a boa-fé dos novos convertidos, ainda mais quando, entre eles, há mais de um com quem mantemos laços pessoais de amizade. Em geral, estas evoluções – ou involuções, se preferem – têm seu

começo na boa-fé, logo força a lógica, mescla-se nele o amor próprio, supera o meio em que convivia... e converte-se naquilo que antes repugnava.

Talvez, no caso atual, não haja nada com que temer porque os neo-convertidos são muito poucos, e é muito baixa a probabilidade de que encontrem grandes adesões no campo anarquista, e estes companheiros, ou ex-companheiros refletirão melhor ou reconhecerão seu erro. O novo governo que se instalará na França depois do triunfo eleitoral do bloco de esquerda os ajudará a convencer-se de que há bem pouca diferença entre ele e o governo precedente, pois não fará nada bom – nem sequer a anistia – se a massa não lhes impor pela sua agitação. Nós tentamos, de nosso ponto de vista, ajudar-lhes a encontrar a razão com uma observação que, de resto, não deveria ser nova para quem já tenha aceitado a tática anarquista.

É inútil que venham dizer, como o fazem estes bons amigos, que um pouco de liberdade vale mais do que a tirania brutal sem limite e sem freio; que um horário de trabalho razoável, um salário que permita viver um pouco melhor que as bestas, a proteção das mulheres e das crianças, são preferíveis a uma exploração do trabalho até a extenuação completa do trabalhador; que a escola pública, por ruim que seja, é sempre melhor, do ponto de vista do desenvolvimento moral da criança, do que a dirigida por padres e monges... Estou de pleno acordo com isso; e até podemos igualmente aceitar que pode haver circunstâncias em que o resultado das eleições em um estado ou município poder ter consequências boas ou más e que esse resultado poderia ser determinado pelo voto dos anarquistas, se as forças dos partidos em competição estiverem equivalentes.

Em geral, isso trata-se de uma ilusão; as eleições, quando

são regularmente livres, não têm mais do que o valor de um símbolo: indicam o estado da opinião pública, opinião que importaria melhor, com meios mais eficazes e com maiores resultados, se a escapatória que são as eleições não tivesse sido apresentada. Mas isso não importa: mesmo que pequenos progressos foram consequência direta de uma vitória eleitoral, os anarquistas não deveriam ir às urnas nem deixar de predicar seu método de luta.

Posto que não é possível fazer tudo nesse mundo, é necessário escolher a própria linha de conduta.

Sempre há uma certa contradição entre as pequenas melhorias, a satisfação das necessidades imediatas e a luta por uma sociedade verdadeiramente melhor do que a que existe.

Aquele que queira consagrar-se a construir urinóis ou fontes onde fazem falta; aquele que queira esforçar-se para conseguir a construção de uma rua ou a instituição de uma escola municipal, ou qualquer outra pequena lei de proteção do trabalho, ou a destituição de um policial brutal, seguramente faz bem em servir-se de seu título eleitoral, prometendo seu voto a tal ou qual personagem poderoso. Mas, então, posto que se quer ser “prático”, deve sê-lo totalmente, e, assim, melhor que esperar o triunfo do partido da oposição, melhor seria votar no partido mais próximo, fazer a corte ao partido dominante, servir ao governo existente, fazer-se agente do governador ou do prefeito em exercício. E, de fato, o neo-convertido de que falamos não se proporia votar pelo partido mais avançado, mas sim pelo que tenha a maior probabilidade de ser eleito: o bloco de esquerdas.

Mas então, onde isso vai parar?

Os anarquistas cometeram certamente mil erros, disseram centenas de coisas absurdas, mas sempre se mantiveram puros e seguem sendo o grupo revolucionário por excelência,

o partido do futuro, porque saberão resistir à sereia eleitoral.  
Seria verdadeiramente imperdoável deixar-se arrastar pelo turbilhão quando se aproxima rapidamente nossa hora.

Errico Malatesta

# Campanha Existe Política além do Voto!

## Manifesto

Já percebeu que votar não resolve os verdadeiros problemas da população? Vem governo, vai governo e a situação permanece igual. Nas eleições, os políticos prometem soluções para todos problemas e pedem nossos votos. Mas quando são eleitos esquecem daqueles que o elegeram.

Quantas decisões são tomadas sem a nossa opinião? Mudam as leis, constroem usinas e estádios de futebol. Aumentam a passagem do transporte público e gastam milhões com seus salários. Mas nada de mais hospitais, escolas e creches. Não fazem nada em relação às enchentes. A polícia continua oprimindo o povo todos os dias.

Os dizem que são ações para o nosso “bem” e que é o “melhor para a gente”. Mas como podem saber o que queremos se não nos consultam?

Eles não querem saber o que precisamos, queremos e desejamos.

Isso tudo não é novidade para maioria de nós. Enxergar que as coisas não vão bem já é um começo, mas não basta. Devemos ir além! Temos que tomar de volta nossas vidas em nossas próprias mãos!!!

Ninguém mais aguenta essa política que nos impõem. A democracia representativa, esse sistema baseado nas eleições de políticos para cargos de governo, é o que mantém as coisas como estão. O poder está concentrado nas mãos de uma minoria que governa em favor dos ricos e poderosos, ignorando as necessidades e os desejos do povo.

O crescimento econômico é uma farsa, pois somente os grandes empresários se beneficiam com ele. O povo, como